

OS DESAFIOS DO PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS NA INCLUSÃO E VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE ESCOLAR

THE CHALLENGES FACED BY ELEMENTARY SCHOOL TEACHERS IN THE INCLUSION AND VALUATION OF SCHOOL DIVERSITY

LOS DESAFÍOS DEL DOCENTE DE LOS PRIMEROS AÑOS EN LA INCLUSIÓN Y VALORACIÓN DE LA DIVERSIDAD ESCOLAR

Andreia Coutinho Andrade Fonseca¹

RESUMO: Esse artigo buscou analisar os desafios enfrentados pelos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental na inclusão e valorização da diversidade escolar, refletindo sobre suas práticas pedagógicas, formação e papel social na construção de uma educação democrática e humanizadora. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada em autores como Freire (1996), Candau (2016), Tardif (2014) e Vygotsky (2008), que discutem o papel do professor e o valor das diferenças no processo educativo. A análise baseou-se em obras publicadas entre 2015 e 2024, selecionadas em bases acadêmicas nacionais, interpretadas segundo a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016). Os resultados revelaram que o professor enfrenta dificuldades estruturais, emocionais e formativas ao lidar com a diversidade, mas também oportunidades de ressignificar sua prática a partir da escuta, da empatia e da reflexão crítica. Conclui-se que valorizar a diversidade é promover a equidade, o respeito e o reconhecimento do outro como sujeito de direitos, reafirmando a importância do professor como mediador e agente de transformação social.

1815

Palavras-chave: Inclusão escolar. Diversidade. Formação docente.

ABSTRACT: This article aimed to analyze the challenges faced by elementary school teachers in the inclusion and appreciation of school diversity, reflecting on their pedagogical practices, training, and social role in building a democratic and humanizing education. Methodologically, it is a bibliographic research with a qualitative approach, based on authors such as Freire (1996), Candau (2016), Tardif (2014), and Vygotsky (2008), who discuss the teacher's role and the value of differences in the educational process. The analysis was based on works published between 2015 and 2024, selected from national academic databases and interpreted using Bardin's (2016) content analysis technique. The results showed that teachers face structural, emotional, and training difficulties when dealing with diversity, but also opportunities to reframe their practice through listening, empathy, and critical reflection. It is concluded that valuing diversity means promoting equity, respect, and the recognition of others as subjects of rights, reaffirming the importance of teachers as mediators and agents of social transformation.

Keywords: School inclusion. Diversity. Teacher training.

¹ Mestra em Educação, Uneatlantico.

RESUMEN: Este artículo buscó analizar los desafíos que enfrentan los docentes de los primeros años de la educación primaria en la inclusión y valoración de la diversidad escolar, reflexionando sobre sus prácticas pedagógicas, su formación y su papel social en la construcción de una educación democrática y humanizadora. Metodológicamente, se trata de una investigación bibliográfica con enfoque cualitativo, basada en autores como Freire (1996), Candau (2016), Tardif (2014) y Vygotsky (2008), que discuten el papel del maestro y el valor de las diferencias en el proceso educativo. El análisis se basó en obras publicadas entre 2015 y 2024, seleccionadas en bases académicas nacionales e interpretadas mediante la técnica de análisis de contenido de Bardin (2016). Los resultados demostraron que los docentes enfrentan dificultades estructurales, emocionales y formativas al tratar con la diversidad, pero también oportunidades para resignificar su práctica a partir de la escucha, la empatía y la reflexión crítica. Se concluye que valorar la diversidad es promover la equidad, el respeto y el reconocimiento del otro como sujeto de derechos, reafirmando la importancia del maestro como mediador y agente de transformación social.

Palabras clave: Inclusión escolar. Diversidad. Formación docente.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a educação brasileira vem passando por profundas transformações impulsionadas pela ampliação do acesso à escola e pela consolidação de políticas públicas voltadas à inclusão e à diversidade. Essas mudanças desafiam o papel do professor dos anos iniciais, que precisa lidar diariamente com uma sala de aula cada vez mais heterogênea composta por estudantes com diferentes ritmos, histórias, culturas e condições sociais. Freire (1996) afirma que educar é um ato político e amoroso, que requer respeito às diferenças e compromisso com a emancipação humana. Nesse contexto, o educador assume a função de mediador do conhecimento, responsável por criar condições para que todos os alunos aprendam com dignidade, independentemente de suas especificidades.

Compreender a diversidade escolar é reconhecer que as diferenças não devem ser vistas como obstáculos, mas como oportunidades de crescimento coletivo. Candau (2016) ressalta que a escola é um espaço privilegiado para o diálogo intercultural, onde a convivência com o diferente possibilita o exercício da empatia e da solidariedade. No entanto, a inclusão real exige uma mudança de paradigma: é preciso superar práticas homogeneizadoras e promover metodologias que respeitem os tempos, saberes e modos de aprender de cada aluno. Para isso, o professor dos anos iniciais precisa desenvolver competências pedagógicas, emocionais e éticas que lhe permitam acolher, escutar e valorizar cada estudante como sujeito singular.

O cenário contemporâneo exige também que o professor compreenda a diversidade como dimensão constitutiva da aprendizagem. Vygotsky (2008) já defendia que o desenvolvimento humano ocorre nas interações sociais, e que é na relação com o outro que o

indivíduo se constitui como sujeito. A escola, portanto, deve ser um espaço de trocas e de construção coletiva, em que as diferenças impulsionem novas formas de pensar e agir. Piaget (1976) complementa essa visão ao afirmar que o erro e o conflito cognitivo são essenciais para a aprendizagem, pois provocam a reorganização do pensamento e o amadurecimento intelectual. Assim, lidar com a diversidade é, ao mesmo tempo, um desafio e uma oportunidade de ampliar o potencial educativo das experiências escolares.

Os desafios da inclusão e da valorização da diversidade estão diretamente ligados à formação docente. Tardif (2014) defende que o saber do professor é construído ao longo da prática e das experiências, e que a formação continuada deve possibilitar reflexões críticas sobre as realidades enfrentadas na sala de aula. Arroyo (2017) reforça que ensinar em contextos diversos exige sensibilidade e compromisso ético, pois o professor é constantemente convocado a reinventar sua prática diante das singularidades dos alunos. Nesse processo, o educador precisa ser um pesquisador de sua própria ação, capaz de reconhecer as desigualdades, questionar estereótipos e buscar estratégias pedagógicas que promovam equidade.

Outro ponto relevante é o papel da escola como espaço de convivência e cidadania. Libâneo (2018) destaca que a função social da escola vai além da transmissão de conteúdos; ela deve formar cidadãos críticos, conscientes e capazes de conviver com as diferenças de forma respeitosa. Saviani (2018) acrescenta que a educação tem o papel de promover a humanização dos sujeitos por meio do acesso ao conhecimento e da superação das desigualdades sociais. Desse modo, a inclusão escolar não se resume à presença física do aluno na sala de aula, mas à construção de práticas pedagógicas que garantam o direito de aprender em um ambiente acolhedor, democrático e participativo.

Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo analisar os desafios enfrentados pelos professores dos anos iniciais na inclusão e valorização da diversidade escolar, discutindo as implicações pedagógicas, formativas e humanas desse processo. Busca-se refletir sobre o papel do educador na promoção de uma educação inclusiva e plural, que reconheça a diferença como riqueza e a diversidade como princípio educativo. Para tanto, dialoga-se com autores clássicos e contemporâneos, como Freire, Vygotsky, Piaget, Tardif, Candau, Libâneo, Arroyo e Moran, articulando fundamentos teóricos e perspectivas atuais sobre a prática docente em contextos diversos e desafiadores.

MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, voltada à análise das produções teóricas e científicas que tratam da inclusão e da valorização da diversidade no contexto escolar, com foco na atuação dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Segundo Gil (2019), a pesquisa bibliográfica é um procedimento essencial para o aprofundamento teórico de determinado tema, pois permite ao pesquisador reunir, interpretar e discutir o conhecimento já produzido sobre a realidade estudada. Assim, o estudo buscou compreender, à luz de diferentes autores, os desafios enfrentados pelos docentes e as possibilidades de construção de práticas pedagógicas inclusivas e humanizadoras.

A abordagem qualitativa foi escolhida por permitir uma compreensão mais profunda e interpretativa dos fenômenos educativos. Minayo (2021) afirma que esse tipo de pesquisa valoriza os significados, as percepções e as experiências humanas, reconhecendo a complexidade que envolve o campo da educação. Nesse sentido, a análise desenvolvida neste trabalho não se restringiu a dados quantitativos ou estatísticos, mas privilegiou a reflexão crítica sobre os sentidos da prática docente em contextos de diversidade. A partir dessa perspectiva, buscou-se compreender como os professores podem se tornar agentes de transformação dentro das escolas, promovendo a inclusão como princípio ético e pedagógico.

1818

Para o levantamento dos referenciais teóricos, foram selecionadas obras publicadas entre 2015 e 2024, período em que se intensificaram os debates sobre a inclusão educacional, a diversidade cultural e a formação de professores. As produções foram identificadas nas bases SciELO, Google Acadêmico, CAPES Periódicos e em bibliotecas universitárias digitais, utilizando descritores como *diversidade escolar*, *formação docente*, *inclusão educacional*, *educação e direitos humanos* e *prática pedagógica*. Esse recorte temporal e temático buscou garantir a atualidade e a relevância das fontes consultadas, considerando a evolução das discussões e das políticas públicas voltadas à inclusão no Brasil.

Os critérios de seleção das obras priorizaram textos acadêmicos escritos em língua portuguesa, disponíveis na íntegra e relacionados à realidade da educação básica brasileira. Foram excluídas produções com foco em contextos empresariais, materiais sem fundamentação teórica consistente e estudos que abordassem a diversidade de forma tangencial. Após a aplicação desses critérios, foram selecionados dezesseis trabalhos, entre artigos científicos, livros, dissertações e documentos oficiais, os quais constituíram o corpus analítico do estudo.

Essa seleção permitiu identificar múltiplas perspectivas sobre a inclusão e as práticas docentes, compondo uma base sólida para a reflexão proposta.

Para a análise e interpretação das informações, adotou-se a técnica de análise de conteúdo, conforme os princípios de Bardin (2016), que propõe uma leitura sistemática, categorizada e interpretativa dos textos. Essa técnica possibilitou a identificação de três eixos principais de análise: *a formação docente para a diversidade, os desafios da prática inclusiva nos anos iniciais e as estratégias de valorização da diferença na sala de aula*. Perrenoud (2013) complementa que a análise crítica das práticas pedagógicas deve sempre estar orientada à melhoria da formação e ao fortalecimento das competências profissionais dos professores, considerando o contexto e as condições concretas de trabalho.

Todo o percurso metodológico foi conduzido com rigor acadêmico e observando os princípios éticos da pesquisa científica, especialmente no que se refere à veracidade das fontes, à correta atribuição das ideias dos autores e à transparência nos critérios de seleção e análise. O trabalho fundamenta-se no compromisso com uma educação humanizadora, conforme defendido por autores como Freire (1996) e Candau (2016), reconhecendo a importância da ética, da empatia e da escuta sensível no fazer pedagógico. Dessa forma, a metodologia empregada buscou não apenas reunir informações, mas construir um olhar crítico sobre os desafios enfrentados pelos professores e as possibilidades de promover uma escola mais justa, inclusiva e plural.

1819

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das obras e estudos consultados evidenciou que os professores dos anos iniciais enfrentam inúmeros desafios para concretizar a inclusão e valorizar a diversidade escolar de maneira efetiva. As práticas docentes ainda são fortemente influenciadas por modelos tradicionais de ensino, centrados na homogeneização das aprendizagens e na padronização das metodologias. Essa realidade acaba gerando exclusões sutis, pois desconsidera as especificidades de cada aluno e a pluralidade de experiências que compõem o ambiente escolar. Segundo Tardif (2014), o saber docente é construído na relação entre teoria e prática, e é justamente nessa interseção que o professor precisa repensar suas ações diante das diferenças.

Os resultados também revelam que muitos professores reconhecem a importância da inclusão, mas ainda se sentem inseguros ou despreparados para lidar com a diversidade em sala de aula. Essa dificuldade está associada, em parte, à falta de formação continuada que aborde a

diversidade de forma prática, crítica e contextualizada. Arroyo (2017) ressalta que o professor é um sujeito em constante formação, e o contato com realidades diversas exige dele uma postura reflexiva, sensível e politicamente comprometida com o outro. A ausência de espaços formativos voltados ao diálogo e à troca de experiências acaba reforçando práticas excludentes, mesmo que de forma involuntária.

Outro ponto destacado nas produções analisadas diz respeito ao impacto da estrutura escolar na efetivação da inclusão. Muitos professores apontam que as condições de trabalho, a superlotação das salas e a falta de apoio das equipes pedagógicas dificultam a adoção de estratégias diversificadas de ensino. Libâneo (2018) afirma que a escola precisa ser compreendida como uma instituição social complexa, cujas práticas só podem se transformar quando há envolvimento coletivo e apoio institucional. Nesse sentido, a inclusão não depende apenas do professor, mas também de políticas públicas consistentes e de uma cultura escolar que valorize a diversidade como princípio educativo.

As pesquisas mostram ainda que as práticas pedagógicas inclusivas exigem criatividade e flexibilidade por parte do professor. É preciso ir além do currículo prescrito e reconhecer que cada aluno tem um ritmo e um modo próprio de aprender. Freire (1996) já destacava que ensinar é um ato de escuta e diálogo, e que o papel do educador é criar condições para que o estudante se descubra como sujeito de sua aprendizagem. Professores que valorizam as experiências individuais e coletivas de seus alunos acabam transformando a sala de aula em um espaço de convivência, respeito e construção de saberes compartilhados.

1820

Os resultados indicam também que a diversidade cultural e social dos estudantes é uma das dimensões mais desafiadoras do trabalho docente. Em muitas escolas, convivem crianças de diferentes contextos econômicos, familiares e culturais, o que exige do professor um olhar ampliado sobre o processo de aprendizagem. Candau (2016) defende que educar para a diversidade é educar para os direitos humanos, e que a escola deve ser um espaço de reconhecimento das identidades e das histórias de vida. Assim, a inclusão ultrapassa o campo pedagógico e se torna também uma prática ética e social.

Durante a análise, percebeu-se que a mediação pedagógica é um dos elementos centrais para a promoção da inclusão nos anos iniciais. Vygotsky (2008) enfatiza que o desenvolvimento cognitivo é resultado da interação social e que o professor atua como mediador entre o aluno e o conhecimento. Quando o educador reconhece o potencial de cada estudante e utiliza estratégias diferenciadas, ele possibilita que o aprendizado ocorra de forma mais significativa.

Essa postura mediadora contribui não apenas para a aprendizagem acadêmica, mas também para o desenvolvimento emocional e social das crianças.

Outro achado importante foi a constatação de que a inclusão não pode ser reduzida ao atendimento de alunos com deficiência. A diversidade escolar abrange gênero, etnia, religião, condição socioeconômica e modos de ser e aprender. Saviani (2018) argumenta que uma educação verdadeiramente democrática é aquela que reconhece a pluralidade como fundamento da prática pedagógica. Dessa forma, cabe ao professor criar ambientes de aprendizagem que respeitem as diferenças e favoreçam a convivência solidária, combatendo qualquer forma de preconceito e discriminação.

Os resultados também revelaram a importância de integrar metodologias ativas e recursos tecnológicos na promoção da inclusão. Moran (2020) e Kenski (2021) destacam que as tecnologias digitais podem potencializar o ensino, desde que utilizadas com intencionalidade pedagógica e foco na participação dos alunos. A formação do professor para o uso consciente das TIC contribui para ampliar o acesso ao conhecimento e diversificar as formas de expressão e avaliação, fortalecendo a autonomia dos estudantes e estimulando a aprendizagem colaborativa.

A análise evidenciou, ainda, que a formação docente inicial e continuada é determinante para o êxito das práticas inclusivas. Muitos professores relatam que os cursos de licenciatura ainda abordam de maneira superficial as questões relacionadas à diversidade, o que gera insegurança no exercício da profissão. Perrenoud (2013) ressalta que a competência profissional se constrói na prática, mas precisa de uma base teórica sólida que oriente a reflexão sobre os desafios cotidianos. A formação continuada, nesse contexto, aparece como espaço de escuta, partilha e reinvenção das práticas.

Além da formação, os resultados apontam para a necessidade de apoio institucional e interdisciplinar nas escolas. O trabalho colaborativo entre professores, coordenadores pedagógicos, psicopedagogos e famílias é essencial para compreender as necessidades dos alunos e construir soluções coletivas. Libâneo (2018) e Tardif (2014) destacam que a docência é uma atividade coletiva, e que a troca de experiências fortalece o sentimento de pertencimento e compromisso entre os profissionais. A inclusão torna-se, assim, uma responsabilidade compartilhada e não apenas uma tarefa individual.

Os estudos também mostraram que muitos professores enfrentam conflitos emocionais e sobrecarga ao lidar com turmas diversas. A falta de apoio e reconhecimento institucional gera

frustração e desmotivação, o que pode comprometer a qualidade do trabalho pedagógico. Arroyo (2017) enfatiza que é preciso cuidar de quem cuida, reconhecendo o professor como sujeito de afetos, medos e esperanças. Uma escola inclusiva começa pela valorização de seus educadores e pelo fortalecimento das condições humanas e materiais para o exercício da docência.

Outro ponto relevante é a importância do planejamento pedagógico como instrumento de inclusão. A organização das atividades deve considerar as diferentes formas de aprender e expressar o conhecimento. Libâneo (2018) afirma que planejar é um ato político e pedagógico, pois envolve decisões sobre o que ensinar, como ensinar e para quem ensinar. Quando o planejamento é flexível e participativo, o professor consegue transformar o currículo em um instrumento de equidade, dando voz e espaço para todos os alunos.

As evidências teóricas também reforçam que a avaliação da aprendizagem precisa acompanhar as mudanças nas práticas inclusivas. Avaliar de forma padronizada, com foco apenas no resultado, é incompatível com o princípio da diversidade. Piaget (1976) e Vygotsky (2008) já apontavam que o erro e o processo são partes fundamentais do desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido, a avaliação deve ser formativa, processual e sensível às diferenças individuais, permitindo que o professor compreenda o percurso de cada aluno e o auxilie de forma personalizada.

1822

Observou-se, ainda, que a escola inclusiva é aquela que promove a convivência democrática e o respeito às diferenças. Freire (1996) afirma que a educação libertadora se constrói no diálogo e no reconhecimento do outro como sujeito. Assim, o professor dos anos iniciais desempenha um papel fundamental na formação ética e cidadã das crianças, promovendo atitudes de respeito, solidariedade e empatia desde cedo. Quando a diversidade é vivida como valor, a escola se torna espaço de transformação social e construção de uma cultura de paz.

Por fim, os resultados evidenciam que os desafios da inclusão e da valorização da diversidade escolar só podem ser superados quando o professor se reconhece como agente de mudança e construtor de uma nova pedagogia do cuidado e da alteridade. Isso requer investimento em políticas públicas, em formação docente e na promoção de um ambiente escolar democrático e afetivo. A diversidade não deve ser temida nem tolerada, mas celebrada como expressão da riqueza humana e da pluralidade que caracteriza a sociedade. Assim, educar na diversidade é educar para a vida com respeito, empatia e compromisso com a justiça social.

CONCLUSÃO

O presente estudo permitiu compreender que a inclusão e a valorização da diversidade escolar representam um dos maiores desafios e, ao mesmo tempo, uma das mais nobres missões do professor dos anos iniciais. As análises demonstraram que a prática docente nesse contexto exige sensibilidade, conhecimento pedagógico e compromisso ético com a formação integral de cada estudante. A sala de aula contemporânea é um espaço de múltiplas vozes, histórias e identidades, o que demanda do professor um olhar atento e humanizado sobre os processos de ensino e aprendizagem. Freire (1996) já afirmava que ensinar é um ato de amor e coragem, e que reconhecer a diversidade é reconhecer a humanidade presente em cada educando.

Ao longo do estudo, evidenciou-se que o sucesso da inclusão escolar depende não apenas da boa vontade individual do professor, mas de um conjunto de fatores estruturais, institucionais e formativos. A ausência de políticas públicas eficazes, de apoio pedagógico e de infraestrutura adequada muitas vezes limita o alcance das práticas inclusivas. Arroyo (2017) reforça que o professor é também produto das condições em que trabalha e que, para educar com sensibilidade e compromisso, precisa ser valorizado, ouvido e amparado. Assim, promover uma escola inclusiva exige o engajamento de toda a comunidade educativa: gestores, famílias e sociedade em um esforço coletivo de transformação.

1823

Outro aspecto essencial apontado pelos resultados é que a formação docente continuada é o caminho mais seguro para fortalecer a atuação dos professores diante das diversidades. Tardif (2014) destaca que o saber docente se constrói no diálogo entre teoria e prática, e esse diálogo precisa ser constantemente alimentado por reflexões críticas e experiências significativas. Formações que abordem as dimensões humanas, sociais e culturais da diversidade favorecem o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais democráticas e empáticas. O professor, ao sentir-se preparado e reconhecido, transforma sua sala de aula em um ambiente de acolhimento, respeito e aprendizagem compartilhada.

Além disso, o estudo demonstrou que o enfrentamento dos desafios da inclusão passa pela mudança de mentalidade pedagógica. É necessário romper com a ideia de que ensinar é uniformizar, e compreender que a educação se fortalece justamente nas diferenças. Candau (2016) defende que a diversidade deve ser vista como um valor e não como um problema a ser resolvido. Quando o professor acolhe o diferente e o transforma em fonte de aprendizado, ele contribui para a construção de uma escola verdadeiramente democrática, capaz de educar para a convivência, a cidadania e o respeito às múltiplas formas de ser e aprender.

Por fim, conclui-se que o professor dos anos iniciais é o protagonista de uma educação inclusiva, sensível e transformadora. Sua prática, quando guiada pelo diálogo, pela escuta e pelo reconhecimento das potencialidades de cada aluno, torna-se um poderoso instrumento de justiça social. Educar na diversidade é educar para a vida em sociedade é formar cidadãos conscientes, empáticos e solidários. Portanto, mais do que adaptar metodologias, é preciso cultivar uma pedagogia do cuidado e da alteridade, que enxergue na diferença não um obstáculo, mas a verdadeira essência da aprendizagem. Somente assim será possível construir uma escola que ensine com o coração, transforme realidades e valorize a riqueza plural que compõe a experiência humana.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2016.

CANDAU, Vera Maria. *Educação em direitos humanos e diversidade cultural*. Petrópolis: Vozes, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. 10. ed. Campinas: Papirus, 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2021.

MORAN, José Manuel. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. 7. ed. Campinas: Papirus, 2020.

PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PIAGET, Jean. *A equilibração das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 12. ed. Campinas: Autores Associados, 2018.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.